

Experiências bidimensionais no desenvolvimento de projetos de Design de Superfície

Exercícios criativos para aplicação em revestimentos cerâmicos

Palavras-chave: design de superfície; exercício criativo; revestimentos cerâmicos

Samanta Vanz; Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG); Caxias do Sul, RS, Brasil
samanta.vanz@fsg.edu.br

1. Design de Superfícies: considerações iniciais

O estudo da espacialidade e da intervenção dos sujeitos nos ambientes sociais humanos faz parte de uma proposta de estruturar o Design de Superfícies (DS) a partir de um campo específico dentro da área do Design, cujos componentes exigem conhecimento próprio, em um viés criativo e técnico. Para Rüttschilling (2008), os elementos, ferramentas projetivas e a própria sintaxe da linguagem visual são passíveis de uma estruturação singular no estudo e prática do DS.

A compreensão da superfície a partir do conceito de superfície-objeto¹ é o cerne deste estudo: considerá-la como uma estrutura gráfica espacial, cujas propriedades estruturais, representacionais, funcionais e simbólicas são passíveis de projeto. Aqui, a superfície passa a ser uma experiência independente de seu suporte (Rüttschilling, 2008; Rubin, 2013). Não apenas como uma percepção decorativa ou estética, mas como uma experiência sensório-cognitiva entre sujeitos e espaço/artefatos.

Ao considerar a superfície como um campo de experimentação, não apenas de revestimento, mas de significação e interação, o DS incorpora valores simbólicos e narrativas visuais que dialogam com os usuários e com o espaço em que está inserido. Essa abordagem estimula a criação de projetos que potencializam o plano bidimensional e valorizam a superfície como elemento ativo na construção de experiências estéticas e sensoriais. Dessa forma, o designer atua como mediador entre técnica, materialidade e

¹ Este termo é aqui apresentado a partir da apresentação de Rüttschilling (2008), porém, também é trabalhado por Schwartz (2008).

expressão, provocando leituras e interpretações que enriquecem a relação entre sujeito e ambiente. Outra possibilidade existente neste processo, é o uso da cocriação e da colaboração como elementos do campo da experimentação gráfica².

Na proposta de construção de uma experiência com superfícies cerâmicas para a disciplina de Design de Superfícies e Técnicas Gráficas, do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG)³, objetivou-se a exploração técnica e criativa a partir de um processo estruturado em duas fases: a construção conceitual dos elementos visuais a partir da simplificação e da repetição; e o processo de aplicação do desenho na superfície cerâmica (azulejo) por meio da técnica de estêncil. O presente trabalho procura apresentar o processo desenvolvidos nesta atividade e seus resultados no primeiro semestre de 2025.

2. Desenvolvimento dos projetos de Superfície a partir dos exercícios criativos

Ritmo, forma-fundo, ordenação; alguns dos critérios estabelecidos como proposta para os projetos de DS formaram-se a partir do conceito inicial da atividade: a interpretação e simplificação de uma imagem de referência, no caso, da capa de um álbum musical, para um módulo passível de repetição em grandes superfícies. As restrições ficaram a cargo da técnica (uso de estêncil com tinta serigráfica), do suporte (azulejos cerâmicos, de 20x20 cm) e do uso de cores (preferencialmente, de uma a duas cores apenas). Ao pensar no projeto bidimensional dos projetos de DS, a imagem de referência era uma fonte de criação: “A fonte nos liberta para partir de algo em vez de partir do nada ou de tudo” (Kent; Steward, 2023, p. 61).

Compreendendo o potencial de cada aluno na autonomia da escolha e da expressão criativa, partiu-se da premissa de Ostrower (1986, p. 9): “Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. [...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. A simplificação de formas complexas, como as composições visuais das capas de álbuns,

² Esta é uma proposta possível, porém, dentro das características e limites do escopo da disciplina, não foi um caminho utilizado para este exercício.

³ Campus de Caxias do Sul/RS

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

funcionou como um exercício criativo que exigiu dos sujeitos envolvidos ordenação visual e pensamento analítico, de forma a estabelecer a dualidade de formas e espaços como dois elementos constituintes do projeto de DS: a superfície do suporte ganhava protagonismo ao converter sua cor, textura e brilho em um elemento da composição.

A experiência visual por meio do exercício da simplificação do desenho e da delimitação do espaço exige dos alunos um exercício de pensar na modulação desde a etapa criativa: o módulo sozinho, materializado por meio do azulejo, e sua repetição constante, resultando em uma outra leitura da forma. Na Imagem 1, é apresentado um estudo da simplificação da forma para a construção do módulo do projeto visual do azulejo desenvolvido por uma aluna:

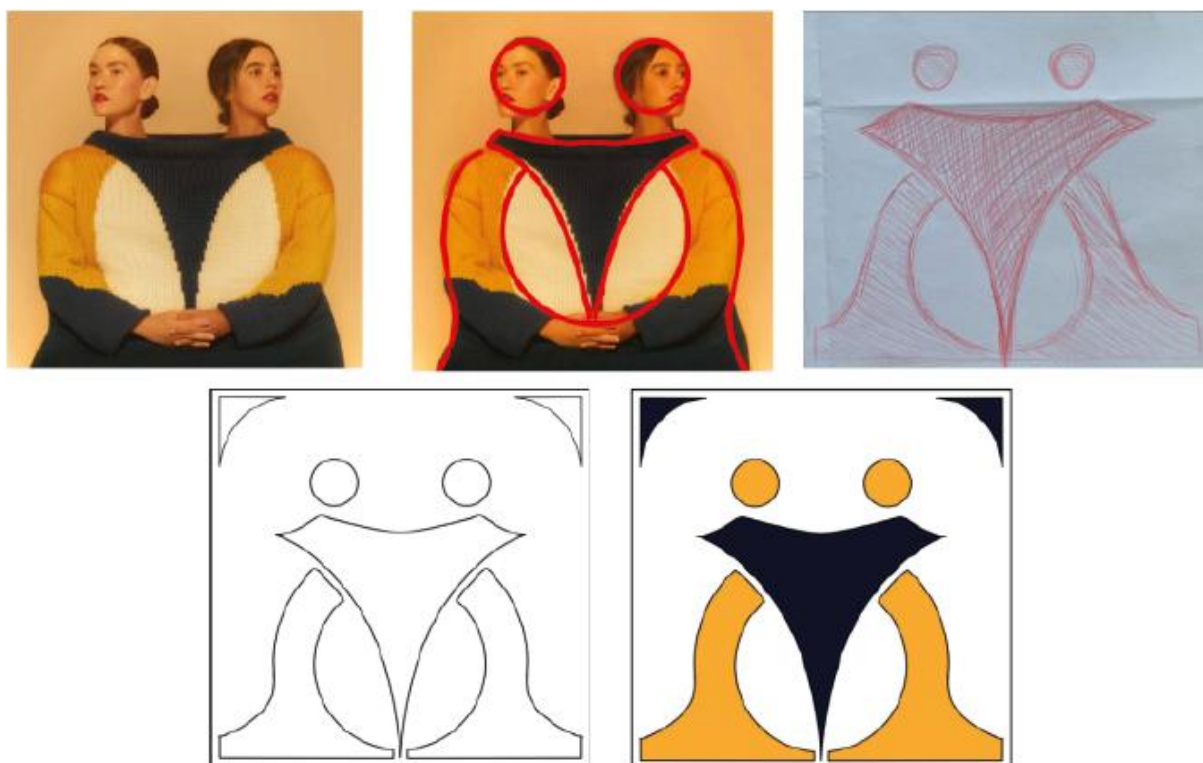


Imagem 1 – Estudo de simplificação de forma e composição visual
Fonte: atividade desenvolvida em aula (2025)

A abstração e a sobreposição de linhas e formas básicas sobre a imagem da capa do álbum foi uma das estratégias mais utilizadas pelo grupo de alunos (Imagem 2). Na sintaxe visual do DS, os projetos se debruçaram principalmente na construção da figura

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

principal e dos elementos de ritmo, procurando desenvolver a proposta de composição baseada na continuidade.



Imagem 2 – Sobreposição de formas sobre as capas de álbuns
Fonte: atividade desenvolvida em aula (2025)

O estudo da repetição também foi um fator importante para o projeto e o exercício artístico: o módulo não poderia funcionar apenas como uma unidade, mas o projeto visual deveria ganhar relevância na repetição (Rubim, 2013). A contiguidade, ou harmonia visual dos módulos, era uma das preocupações do projeto, sendo que o pensamento de teste, tentativa e erro, era necessário para explorar aspectos mais técnicos desta aplicação. O sistema de repetição a ser explorado no DS deveria respeitar uma malha pré-determinada, a fim de permitir o estudo e a visualização da organização dos módulos no espaço. Na Imagem 3, é possível perceber alguns dos testes desenvolvidos pelos alunos, a partir do desenvolvimento de *sketches*, do desenho vetorial e da representação visual:

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

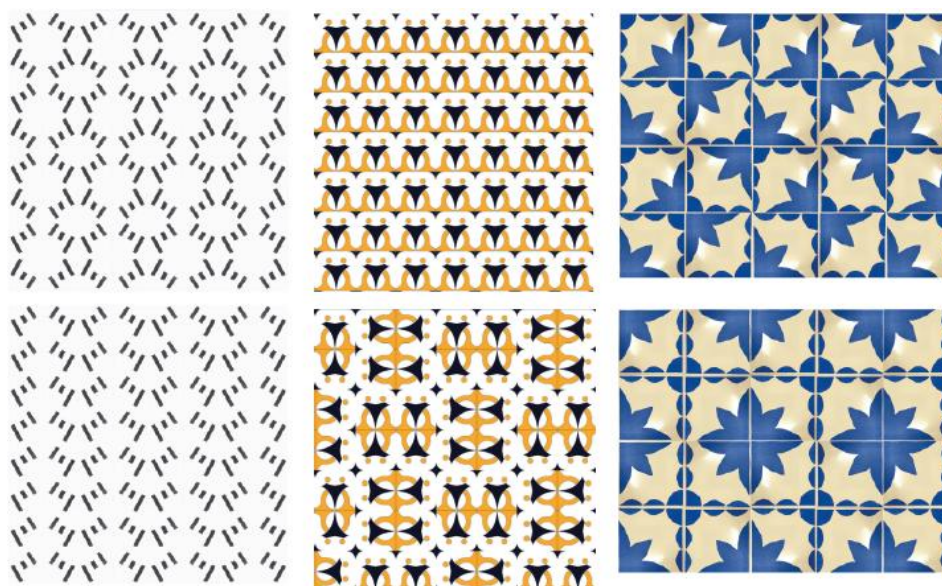


Imagem 3 – Estudo da repetição dos módulos
Fonte: atividade desenvolvida em aula (2025)

Na proposta técnica, optou-se por seguir Kent e Steward (2023), ao sugerirem a simplificação como um caminho importante para a produção criativa. Utilizando a técnica de estêncil para replicar o desenho do módulo em todos os suportes cerâmicos, a preparação da matriz se deu com o uso do estilete e um suporte maleável de PS (poliestireno) de 0,3 mm de espessura, placas de raio X ou papel cartolina. Para aplicação, a escolha foi pelo uso da tinta serigráfica e um rolo de aplicação de espuma de baixa densidade. A aplicação foi feita em 4 módulos, conforme sugerido por Rüttschilling (2008). Na Imagem 4 seguem alguns registros do processo da matriz e da aplicação:



Imagem 4 – Matriz do estêncil
Fonte: atividade desenvolvida em aula (2025)

Como resultado, os alunos apresentaram um conjunto de módulos que permitia testar o sistema de repetição de forma prática, criando uma relação da aprendizagem não apenas de alguns dos conceitos básicos dos projetos de DS, mas também estabelecendo relações de ritmo, que conversavam com a proposta de uma interpretação a partir de um álbum musical (Imagem 5).



Imagem 5 – Exemplo de sistemas de repetição
Fonte: atividade desenvolvida em aula (2025)

A atividade permitiu a compreensão do DS como um campo que exige sensibilidade, método e experimentação. Ao unir a simplificação gráfica com a técnica de estêncil aplicada ao suporte cerâmico, foi possível traduzir conceitos de forma, ritmo e repetição em resultados concretos, que extrapolam o exercício acadêmico e se aproximam de práticas projetuais criativas. Essa etapa do trabalho, portanto, sintetiza a relação entre teoria, técnica e expressão artística, colocando a superfície como protagonista da comunicação visual e do diálogo entre artefato e espaço.

3. Considerações Finais

O estudo e a prática apresentados evidenciam que o DS pode ser compreendido como um campo autônomo, que integra técnica, estética e significado. A atividade desenvolvida procurou estabelecer uma reflexão a partir da simplificação, da repetição e

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

da experimentação criativa como caminho potente para criar superfícies com valor visual e conceitual, capazes de gerar experiências sensoriais e narrativas que ampliam o entendimento do espaço e de seus elementos gráficos.

O desenvolvimento dos projetos apresentados reforça o potencial do DS como um campo de investigação que transita entre arte, técnica e comunicação visual. A experiência com a releitura de capas de álbuns musicais, associada ao processo de simplificação e repetição modular, demonstrou como referências externas, como a música, podem se transformar em expressões visuais projetuais. Uma sugestão para próximas aplicações deste exercício, é utilizar a música também como promotora de experiências emocionais e físicas.

Ao trabalhar com o estêncil e explorar as propriedades do suporte cerâmico, os alunos experimentaram a materialidade da superfície, os desafios da produção manual e do controle técnico na aplicação das tintas e na definição das formas. Esse exercício evidenciou que a prática projetual em DS é tanto um processo de análise e síntese quanto de sensibilidade estética e expressiva, fortalecendo a percepção do design como um campo dinâmico, que conecta cultura, memória visual e inovação criativa.

REFERÊNCIAS

KENT, Corita; STEWARD, Jan. Aprender de coração: práticas para libertar o espírito criativo. São Paulo: Clube do Livro do Design, 2023.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2014.

RUBIM, Renata. Desenhando a superfície. São Paulo: Edições Rosari, 2013.

RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. Design de Superfície. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2008.

SCHWARTZ, Ada Raquel Doederlein. Design de superfície: por uma visão projetual geométrica e tridimensional. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru. Bauru, SP. 2008.